

TEMPOS VERBAIS EM INGLÊS E PORTUGUÊS: ESCOLHAS PRAGMÁTICAS A PARTIR DE ASPECTOS SEMÂNTICOS

LINDA GENTRY EL-DASH e JOANNE BUSNARDO
(UNICAMP)

ABSTRACT

In the translation of Portuguese to English, verb tenses present special problems since the semantics underlying the verbs in the two languages is quite different. The translation of the verb tense thus generally requires careful interpretation, and certain information may have to be recuperated from the context.

Ao falar ou escrever alguma coisa em uma língua, qualquer que seja essa língua, dispõe-se de uma larga gama de opções de como dizê-la. A forma final escolhida depende de aspectos semânticos e pragmáticos, tais como o que se costuma explicitar na língua, a maneira com que as pessoas costumam formular as suas idéias em situações específicas e o tipo de ênfase desejada. Opções semelhantes também são relevantes na escolha dos tempos verbais. Ao traduzir de uma língua para outra, assim, podem surgir dificuldades. No caso da tradução da língua portuguesa para a língua inglesa, por exemplo, os tempos verbais apresentam problemas especiais, uma vez que a semântica verbal subjacente nas duas línguas é bastante diferente.

Apesar das diferenças existentes, muitos tradutores brasileiros não estão cientes das mesmas (El-Dash, 2001). Formas semanticamente obrigatórias em uma língua que não tem contrapartida na outra – como seria o caso do aspecto verbal do *present perfect* do inglês e do *imperfecto* do português – são exemplos. Por isso a tradução do tempo verbal geralmente exige uma interpretação cuidadosa. Às vezes uma interpretação razoável pode ser construída a partir das outras informações no texto, mas nem sempre isso é possível. Assim podem surgir problemas em relação a *o quê* explicitar ou a maneira *como* expressar um sentido envolvendo o aspecto verbal na outra língua.

A escolha de uma forma em vez de outra geralmente implica uma visão diferente de uma situação e o que é importante nela. A escolha original reflete as opções (semânticas e sintáticas) disponíveis na língua de partida, mas freqüentemente existe uma falta de equivalência, quer devido a lacunas semânticas quer a hábitos sintáticos diferentes.

É conhecido o problema colocado pelo tempo verbal *present perfect* do inglês, por exemplo. Embora a maioria dos brasileiros esteja ciente de que existe um problema, muitos não conseguem superá-lo para poder distinguir quando se usa esse tempo e quando se usa o *simple past*. Acabam se apoiando em artifícios nem sempre funcionais tal como dizer que se usa o *present perfect* quando aparecem certos advérbios ou que se usa o *simple past* quando a expressão de tempo é explícita. Poucos percebem que o problema subjacente é uma lacuna semântica entre as duas línguas.

Um dos componentes da semântica verbal, denominado *perfect aspect* por Comrie (1976), faz parte integral do sistema dos tempos verbais em inglês. O inglês, por exemplo, distingue obrigatoriamente entre *ações passadas* vistas como ações e expressas através do *simple past tense* e *estados presentes* que refletem a relevância de tais ações passadas (expressas pelo *present perfect tense*). Em outras palavras, em inglês, a escolha do *verb tense* envolve uma questão aspectual. Como coloca Fabricius-Hansen (1998), a função dos tempos *perfect* em inglês é a de se tornar em estado uma ação passada; Li, Thompson e Thompson (1982: 25) afirmam que o *perfect* faz referência ao “*estado de... ter ido fazer compras*” em vez de “*envolver uma ação*” (ênfase no original). No português, entretanto, a escolha do tempo verbal reflete principalmente uma questão de tempo.

O inglês não é a única língua que prioriza esse aspecto de *perfect*. Friedrich (apud Li et al., 1982) o coloca com um dos três sistemas ou categorias básicas do aspecto presente nas línguas do mundo e Hopper (1982:11-12) também aponta que “*estados e condições que resultam de ação anterior constituem uma categoria verbal comum em muitas línguas*”. O problema é que esse aspecto, refletido em seis *verb tenses* diferentes no inglês, é bastante diferente da realidade do português.

Isso não quer dizer que o português não incorpore aspecto na semântica dos tempos verbais, mas a sua extensão é bem mais restrita. Às vezes, então, em sala de aula de língua inglesa, explica-se a existência da lacuna semântica/verbal interlingual do aspecto *perfect* a partir do exemplo dos problemas envolvendo o tempo *imperfecto* para falantes de inglês que aprendem português. Em português, distingue-se obrigatoriamente entre eventos passados de aspecto *perfeito* e os de aspecto *imperfeito*. Comrie (1976) classifica esse conjunto de oposições aspectuais básicas do português como sendo *perfectivity* e *imperfectivity* (Fig. 1), com a primeira definida como “falta de referência explícita à consistência temporal interna da situação” e a última como envolvendo “referência explícita à estrutura temporal interna de uma situação, como se fosse olhar a situação de dentro”. Em português, o que importa é essa macro divisão entre esses dois aspectos verbais. Em inglês, por outro lado, essa divisão “macro” é basicamente irrelevante, uma vez que o *simple past* é o tempo verbal usado tanto para falar de eventos “sem referência à consistência temporal interna da situação” no passado, quanto de estados ou hábitos; no português, entretanto, tais hábitos e estados deixam obrigatoriamente explícita a “estrutura temporal interna” (isto é, usa-se o tempo imperfeito). É verdade que existe a forma *used to* em inglês que poderia ser usada para falar de ações habituais, mas o seu uso é opcional, enquanto a distinção entre *perfeito* e *imperfeito* em português não o é. Essa diferença explica o problema permanente de falantes de inglês (e outras línguas não românicas) de não saber distinguir corretamente entre os tempos verbais *perfeito* e *imperfeito*.

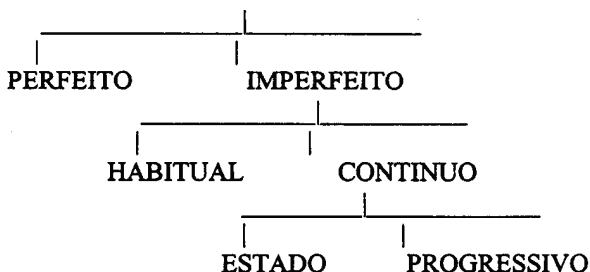


Figura 1. Aspectos *perfeito* e *imperfeito* nas línguas (Comrie, 1976: 25)

Por outro lado, a diferença entre eventos/situações que refletem continuidade (progressividade) de ação e os que não envolvem tal continuidade é obrigatoriamente expressa em inglês, enquanto essa distinção não carrega marcação obrigatória em português. Da mesma maneira que é possível marcar “hábito” via a forma *used to* em inglês, é possível marcar continuidade em português usando a locução verbal *estar + gerúndio*, mas isso raramente ocorre, pelo menos em textos jornalísticos originalmente escritos em português. Quando se encontra o uso da forma *estava fazendo* em tais textos, geralmente é uma tradução do inglês, porque a forma da língua fonte (no caso, inglês) tende a influenciar a forma usada na língua alvo (no caso o português) pelo tradutor. Cabe lembrar que a forma *imperfeito* em português expressa perfeitamente esse sentido progressivo.

Costa (1997) aponta a existência de um sistema verbal especial do português para a expressão de aspecto ao afirmar que “...os verbos que são tradicionalmente chamados ‘de ligação’ ou ‘copulativos’, quando associados às formas nominais *Gerúndio e Particípio* constroem perífrases que expressam *Aspecto e Voz*. (p. 51)” e acrescenta aos verbos de ligação “os verbos *começar (a)*, *ir e acabar (de)* ou semanticamente equivalentes” (p. 52), verbos esses usados para expressar aspecto quando isso se faz relevante. Almeida (1978; orelha do livro) também aponta a função da perífrase verbal de “melhor caracterizar as nuances do raciocínio” que se desenvolve devido à “insuficiência do quadro das configurações verbais” para assim “adaptar-se à grandeza das expressões das idéias”.

Para a tradução do português para o inglês, a obrigatoriedade da forma contínua é problemática. O brasileiro tem dificuldades em aprender a distinguir obrigatoriamente entre os tempos verbais contínuos e não-contínuos, uma vez que essa distinção parece bastante irrelevante na sua língua materna, pelo menos no português escrito. Além disso, o tradutor normalmente precisa reconhecer o aspecto de continuidade a partir do contexto, uma vez que vão ficar explícito no tempo verbal em português. Para eventos do passado, o *imperfeito* pelo menos serve de sinal de alerta, mas somente uma parte dos tempos *imperfeitos* em português será traduzida pelo *past continuous* em inglês.

A situação se complica pelo fato de certos verbos, considerados de estados em inglês, serem tratados como verbos de ação em português (tais como *love, hate, want, see, hear* e outros que fazem parte da famosa lista de verbos em inglês “sem -ing”, termo bastante enganoso porque o que “falta” é o uso dos tempos *continuous* devido aos

verbos afirmarem *estados* e não *ações*) (El-Dash, no prelo). Também é fator complicador o fato de, em inglês, essa obrigatoriedade do uso explícito de tempos verbais *continuous* se estender para situações no presente. Em português normalmente não se distingue, na forma escrita, a diferença entre eventos que existem (*simple present* em inglês) e os que estão em progresso (*present continuous* em inglês). Na *Folha de São Paulo* (28 de março de 1999, Seção de Campinas: 3), por exemplo, encontra-se a oração seguinte: “A Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado *investiga* também a suposta existência de uma conexão entre o juiz, a promotora e entidades internacionais de adoção”. A tradução para o inglês obrigatoriamente marcaria o tempo verbal com o *present continuous* porque, como dito acima, quando um texto faz referência a eventos vistos como contínuos em inglês é sempre obrigatório o uso de uma forma verbal contínua, seja no presente, seja no passado.

Já que as duas línguas expressam obrigatoriamente aspectos diferentes (*perfect* e *progressive* no inglês; *perfeito/imperfeito* no português), surgem freqüentemente situações em que a informação essencial para a escolha do tempo verbal adequado da língua alvo não constitui um traço semântico do verbo na língua fonte e terá que ser recuperado do contexto como um todo: às vezes, pelos advérbios e outros itens lexicais; outras vezes, pela interpretação da situação como um todo.

Três parágrafos de um texto da *Folha de São Paulo* do dia 18 de outubro de 1998 serão usados para mostrar algumas das considerações que deveriam ser levadas em conta no processo da tradução do verbo. O primeiro parágrafo é o seguinte:

A Bandeirantes *procura* um parceiro internacional, mas *sobrevive* e *investe* em várias frentes com sua audiência relativamente pequena, porém qualificada. *Reestrutura* seu núcleo de dramaturgia, *mantém* um jornalismo de nível mais que razoável e *continua* apostando em bons filmes e em transmissões esportivas.

Dos seis verbos no tempo presente nesse parágrafo, quase todos exigiriam o uso do *present continuous* numa tradução para o inglês. Sem o uso dessa forma em inglês, as ações seriam interpretadas como sendo habituais. Em português, é o contexto que traz essa informação de ação temporária em progressão, mesmo com a forma verbal no *presente simples*; mas em inglês o *simple present* é incompatível com uma interpretação de ação em progresso. Somente o último verbo poderia talvez ser traduzido usando um verbo no *simple present* – e isso por causa de um traço semântico (*Aktionsart*) do verbo *continuar/continue*. Uma vez que a continuidade das apostas é explícita na semântica (do léxico) do verbo, é possível não enfatizar isso no tempo verbal em inglês (embora o uso do *present continuous* do verbo seja uma possibilidade bastante adequada para a tradução). O seguinte parágrafo também apresenta problemas para a tradução, mas por razões diferentes:

A CNT, que já *teve* um dos melhores telejornais da TV aberta, nos tempos de Ricardo Kotscho, *chegou* ao fundo do poço e, ao que *parece*, *está* contente com sua condição de “lanterninha”. Hoje *tem* um pastor evangélico ocupando o “filé” de seu horário nobre e *anuncia* com festa a contratação de Sérgio Mallandro.

Dos seis verbos, dois estão no *perfeito* e quatro no *presente*. Basicamente, o parágrafo descreve a situação atual da CNT em contraste com a situação no passado.

Essa situação, passada, entretanto, é expressa com um verbo no *perfeito*, mas com a idéia de que foi uma vez e não é mais enfatizada pelo uso do advérbio *já* – em algum momento no passado teve. Uma tradução literal de *já teve*, comum entre tradutores brasileiros – *has already had* – seria inadequada nesta situação. Se retirarmos a expressão *já teve* do seu contexto e a examinarmos de uma maneira descontextualizada, perceberemos que existem várias traduções possíveis: *has already had*, *once (at one time) had*, *already had*, e *used to have*. Para traduzir adequadamente, o tradutor precisaria de um certo grau de competência semântica (teria que saber que o aspecto *present perfect* não contempla referências a tempos passados específicos) e também de certo grau de competência pragmática para perceber que o contexto linguístico relevante para a sua escolha – *nos tempos de Ricardo Kotscho* – faz referência a um tempo simultaneamente específico e habitual que não inclui o presente. É provável que uma tradução mais apropriada para o inglês empregaria a forma opcional *used to* para marcar a idéia de um período habitual, mas não atual (no caso especificado) de excelência.

Os brasileiros que recebem instrução tradicional no inglês tenderiam a traduzir o exemplo citado (*já teve*) com o *present perfect*, já que normalmente os professores ligam o uso desse tempo (que não tem equivalência semântica no português) à presença de advérbios como *just*, *already*, *ever*, *never*, *yet*, *since* and *for*, especificamente, em inglês, ou *já*, *recentemente* e outros, no português. O problema é que tais advérbios em inglês expressam idéias também pelo tempo verbal *present perfect* em inglês e, portanto, são redundantes. Assim, no exemplo *I have [already] bought the book*, o tempo verbal *present perfect* já deixa claro que a situação atual surge a partir do momento da compra, mas o foco está na posse do livro, não na compra, e isso independe da presença do advérbio *already*, embora pragmaticamente seja comum enfatizar o término da ação que levou à situação atual com o uso desse advérbio. Entretanto, em português, onde a semântica do tempo verbal *perfeito* não incorpora referência aos resultados no presente, o uso do advérbio *já* focaliza o término ou completude da ação de tal maneira que parece (ao nosso ver) “atualizar” o término ou, por extensão, o resultado dessa ação para o presente, explicando a compatibilidade dessas expressões *já + perfeito* com o *present perfect* em inglês.

Chegou descreve a situação atual da emissora e esse verbo, sim, exigiria do tradutor o uso do *present perfect*. O tradutor poderia, ainda, enfatizar o fato de a CNT ter chegado *ao fundo do poço* com o advérbio *already*.

No parágrafo acima citado, a tradução dos três primeiros verbos do *presente simples* para o *simple present* não é problemática, devido aos traços semânticos dos verbos envolvidos (*seem*, *be*, e *have* expressam estados em inglês em vez de ações). O último verbo (*anuncia*) apresenta um problema. Nesse contexto específico, o verbo (ou melhor, a expressão verbal) *anuncia com festa* pode ser traduzido de pelo menos duas maneiras diferentes, dependendo do item lexical selecionado: *proclaim (with much ado)* ou *celebrate*. O tradutor poderia enfatizar a ação ou atitude da emissora que continua sendo mostrada publicamente (*is celebrating*), como também a situação atual criada pelo pronunciamento descrito (*has proclaimed with much ado*). *Announce* é um item lexical cognato, mas é relativamente neutro e não combina bem com a idéia de *com festa*; poderia também ser uma opção, mas somente no *present perfect tense*,

possivelmente como *has noisily announced*. Depende, portanto, de como o tradutor interpreta a situação e o que decide enfatizar.

O terceiro parágrafo, também retirado do mesmo artigo, contém mais seis formas verbais:

A única que *parece remar* contra a maré é a Record, que, só no último ano, praticamente *triplicou* sua média de audiência no horário noturno. Segundo o Ibope, das 18h à meia-noite, a Record *registrava* uma média de 4 pontos em setembro de 1997. Em agosto último, sua média nessa mesma faixa horária *subiu* para 11 pontos (cada ponto *equivale* a cerca de 80 mil telespectadores na Grande São Paulo).

Inicialmente, a primeira não apresenta problema, uma vez que *parece* no *presente simples* se traduziria como *seems* no *simple present*. Mas surge um problema com a continuidade do conceito expresso pelo infinitivo *remar*, que teria que estar traduzido por um *continuous infinitive* em inglês: *to be rowing*. O segundo mantém a forma superficialmente equivalente do inglês (*is*), enquanto o terceiro (*tripled*) já apresenta problemas. Na forma descontextualizada, pode ser traduzido como *tripled* (*simple past*, com ênfase na ação) ou *has tripled* (*present perfect*, para enfatizar a situação atual, resultado da ação). No contexto, as duas interpretações são viáveis e a escolha vai depender da ênfase do tradutor, embora seja provável que o falante nativo deseje enfatizar a situação atual da audiência grande. O quarto verbo (*registrava*) é uma forma de *imperfecto* que descreve um estado (ou hábito) passado. A distinção dependeria da interpretação, mas é irrelevante nas duas línguas, porque as duas situações levariam ao uso da mesma forma (*simple past* no inglês e *imperfecto* em português).

O quinto verbo (*subiu*) apresenta um novo problema: refere-se a uma ação (*subir*) que aconteceu entre o IBOPE de setembro de 1997 e agosto de 1998, dois meses antes da data do artigo. Em inglês, se expressariam essas relações com o uso do *past perfect* (*had risen*), refletindo o aspecto *perfect* da relevância da situação (menos favorável) vigente no ano 1997, como também o fato de agosto ser anterior à época na qual foi escrito o artigo. Embora o português tenha uma forma específica (opcional) para enfatizar o acontecimento de eventos antes de situações passadas, é uma distinção puramente temporal e pouco usada (a não ser em traduções do inglês, onde, como já sugerido anteriormente, a forma da língua fonte influencia a forma da língua alvo). No português, tende-se a enfatizar o período *entre* uma data e outra, e não o fato de uma data ser anterior a outra (“Entre setembro de 1997 e agosto de 1998, a média de audiência *subiu*”).

Os exemplos comentados acima mostram que é necessária uma competência semântica em relação aos sistemas verbais das duas línguas, mas isso em si não é suficiente para resolver todos os problemas durante o processo da tradução. A descontextualização dos verbos frequentemente revela várias opções possíveis, porém a escolha mais adequada para a tradução de um verbo específico somente fica evidente depois da consideração do contexto como um todo (incluindo os elementos importantes do co-texto). É também importante lembrar que, ao fazer as suas escolhas envolvendo o léxico e os tempos verbais, o autor de um texto tem sempre em mente um contexto, o qual nem sempre é explicitado totalmente: o contexto frequentemente depende de “elementos subentendidos” que o autor espera que o leitor use para interpretar e

construir um contexto mais elaborado. Mesmo compreendendo a semântica dos tempos verbais, o tradutor ainda precisa prestar atenção ao contexto e à relação entre os eventos para conseguir fazer as escolhas pragmáticas mais adequadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João de. (1978). *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis: ILHPA-Hucitec.
- COMRIE, Bernard. (1976). *Aspect*. London: Cambridge University Press, 1976.
- COSTA, Sônia B. B. (1997). *O Aspecto em Português*. São Paulo: Editora Contexto.
- EL-DASH, Linda Gentry. (2001). Escolhas pragmáticas na tradução do tempo verbal. Trabalho apresentado no Congresso da Abralín, Fortaleza.
- _____. (no prelo). "State verbs in English: Pragmatic and syntactic implications. *Contexturas*.
- FABRICIUS-HANSEN, C. (1998). "Tense and time, Pragmatics of". Em J. Mey (org.) *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. Amsterdam: Elsevier, pp. 1000-1001.
- HOPPER, P. (1982). "Introduction". Em P. Hopper (org.) *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 3-18.
- LI, C. N., THOMPSON, S. A, e THOMPSON, R. M. (1982). "The discourse motivation for the perfect aspect: The Mandarin particle *li*." Em P. Hopper (org.) *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 19-44.